

MEMÓRIA DO OPERARIADO DA FÁBRICA DA TECELAGEM PARAYBA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - 1925 a 1960

**Autora : Susy Helena Cunha Ferraz¹, Autora: Waldecy Serafim Ramos²,
Orientadora: Profa. MSc. Maria José Acedo Del Olmo⁴**

¹Universidade do Vale do Paraíba, Faculdade de Educação, R: Olivo Gomes,19, e-mail:

²Universidade do Vale do Paraíba, Faculdade de Educação, R: São Pedro, 306,

⁴Universidade do Vale do Paraíba, Faculdade de Educação, R: Rui Sergio R. de Moura, 1122,
susyferraz@itelefonica.com.br waldecyserafim@vivax.com.br

Resumo- Nosso trabalho tem como objetivo principal, observar o comportamento e atitudes da classe operária. Através de depoimentos dos operários, dando existência escritural a fala. Também a de estudar a construção de uma identidade cultural desta comunidade. Este processo está relacionado ao crescimento populacional da cidade de São José dos Campos, proporcionado pelas indústrias que aqui se instalaram. Para a realização deste trabalho utilizamos fontes escritas, orais e imagens. O estudo da história da memória operária busca referenciar o passado e o reconhecimento de seu trabalho. Assumindo que a História Oral concretiza-se somente quando chega ao texto, superando a etapa da entrevista, passaremos para o processo de transcrição das entrevistas que assegura a formação de um corpo documental a ser trabalhado. É necessário para a etapa na feitura do texto final, nossa reprodução honesta e correta dos depoimentos.

Palavras-chave: memória operária, operariado, história oral.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Buscaremos reconstruir e interpretar os acontecimentos dos quais os operários da fábrica da Tecelagem Paraíba da cidade de São José dos Campos foram participantes ou testemunhas; historicizando a memória operária. Devemos nos ater através dos depoimentos o que exatamente definia a classe operária em seu âmbito social, e exatamente a posição ocupada pela mesma, expondo as relações objetivas do trabalho correlacionando-as com dominação e resistência. Estudo que faça da opressão e de suas causas objetos de reflexão dos oprimidos.

No que se refere à memória do operariado da Tecelagem, constatamos que apesar de São José dos Campos ser uma cidade industrializada, vale dizer que apesar de termos um grande contingente de pessoas ligadas ao segmento operário, até o momento pouco ou nada se tem estudado sobre a questão da memória operária dessa fábrica.

Embora a Revolução Industrial significou um momento fundamental para a constituição da sociedade contemporânea, ao revolucionar e universalizar as bases técnicas e sociais existentes, rompendo com os entraves e limitações anteriores, suas conseqüências sociais imediatas são detectadas nos depoimentos, tais como as jornadas extenuantes de trabalho, a absorção em massa do trabalho de mulheres e de crianças.

Na década de 20, o salário oferecido era muito mais elevado e compensador do que a atividade rural antes dedicada. Em processo antecipado de depoimentos, notamos em narração dos operários da Tecelagem, o relacionamento entre patrões e operários deu-se de forma paternalista. Desta forma podemos trabalhar a identificação manifestada por esses operários até outras gerações. Podemos avaliar o porquê de seus relatos quando falam de seus patrões como figuras de extrema relevância no quadro de suas avaliações afetivas. O tempo da memória não se concretiza a não ser quando encontra resistência de um espaço que se habitou com a existência sofrida do trabalho.¹

Materiais e métodos

Utilizaremos a história oral através de entrevistas com operários, bem como o levantamento e análise de fontes documentais sobre o operariado.

¹BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - Lembrança de velhos**. São Paulo: Editora Companhia Das Letras, p. 15, 2004.

Para o nosso trabalho, valemo-nos de dois conceitos da lingüística, que não podem ser entendidos separadamente: O de transcrição, o de teatro de linguagem, ambos adequados à prática da História Oral.

Trabalhamos da seguinte forma: com as dificuldades dos entrevistados, desde a falência ou desobediência do corpo até a emoção retendo os fios da lembrança, impedindo a tecelagem. A primeira etapa da textualização é a transcrição após o depoimento, quando as palavras do depoente ainda estão frescas na lembrança. Esta transcrição deve ser completa e mais rigorosa possível. Evitamos a interrupção de palavras e frases, mantendo a fiel característica dos depoimentos. É realizada uma nova textualização, aonde os agrupamentos temáticos vão se definindo melhor. Escutando a fita e passando ao processo da escrita, o depoimento pode então seguramente fazer as últimas adaptações.

Foram transcritas Atas de reunião da diretoria da Tecelagem de 1926 a 1933, bem como Jornais da época; fotos; Série documental. Todas do Arquivo Municipal de São José dos Campos. E como fontes primárias, os depoimentos de operários que fizeram e ainda fazem parte desta memória.

Resultados

Como resultados e produto desta primeira fase e levantamento documental esperamos apresentar uma memória oral do operariado. Ainda assim, apresentaremos um resultado quase que total, já que as pesquisas deverão continuar para atingir os objetivos de observar o comportamento dos operários mantendo os depoimentos e sua fiel reprodução.

Discussão

O mais marcante da composição é a passagem da fala a escrita, pois a memória é a faculdade épica, onde o narrador extrai da sua experiência sua própria. Dar existência escritural à fala, permitindo vincular a ação, trazida pelo trabalho dos personagens.

No primeiro momento, esta questão da memória merece ser melhor estudada, pois tudo indica que as elites joseenses e o empresariado de fora da cidade, nesta fase, não estavam preocupados com o bem estar dos operários, mas sim com o crescimento do seu próprio capital.

Percebemos que a política aliada à religiosidade foram parâmetros para que houvesse um desenvolvimento social e econômico.

O presente trabalho nos remete a várias possibilidades: discutir as origens e formação do operariado da fábrica da Tecelagem Parayba, através de seus depoimentos dentro do quadro da industrialização do Vale do Paraíba; discutir a origem e formação do mesmo; as questões de gênero envolvidas como o uso em grande parte da mão-de-obra feminina e infantil na Tecelagem. Mas neste momento apenas podemos apontar

esses caminhos já que uma discussão com as fontes teóricas bibliográficas está em fase de conclusão. No momento temos apenas o levantamento quase total do material.

Conclusão

Estamos na fase de conclusão do trabalho, as pesquisas até agora apontam para novas problemáticas a serem levantadas. Por exemplo, o fato de desde seu início pensar-se em construir uma vila operária indicava uma preocupação com os empregados, mas também aponta para mecanismos de minimizar os conflitos.

Podemos citar dentro desses conflitos à fábrica passando por uma crise no ano de 1935, tendo seus trabalhos encerrados em consequência de graves acontecimentos, que ali se desenrolaram provocados por elementos extremistas que se infiltraram entre os operários, procurando obrigá-los a se declararem em greve, segundo o Jornal o Correio Joseense, os agitadores eram residentes na capital mantendo ligação com um grupo comunista daquela cidade. Esses elementos foram considerados estranhos à fábrica, pois os operários se mostraram satisfeitos com a direção da fábrica, e não havia reclamação por parte deles, pelo que se sabe.

A escola que funcionava no complexo Tecelagem Parahyba era uma iniciativa louvável por um lado, assim como o centro recreativo e a banda musical, mas deve ser enquadrado dentro da estratégia de cooptação e encobrimento dos conflitos de classe.

Referências

Atas de reunião da diretoria da Tecelagem Parahyba 1926/1933 - Arquivo Municipal

Correio Joseense - Arquivo Municipal

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - Lembrança de velhos**. São Paulo: Editora Companhia Das Letras, 2004.